ANO XII / JUNHO DE 1954 / N.º 116



Novellae

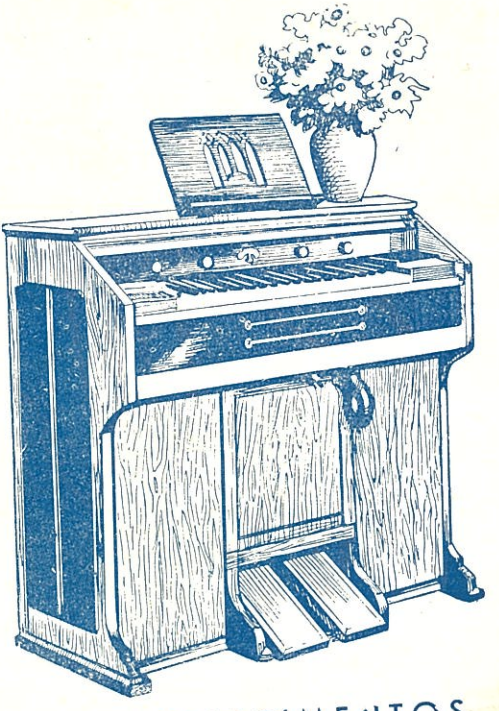
OLIVARUM

ORGÃOS

DE TUBOS E ELÉCTRICOS
PARA IGREJAS

HARMONIUNS

ALEMÃES E FRANCESES



ESTABELECIMENTOS

Valentim de Carvalho L.da

95 - Rua Nova do Almada - 95

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES

INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC..

NO PORTO

KENDAL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B **Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

NOVELLAE OLIVARUM

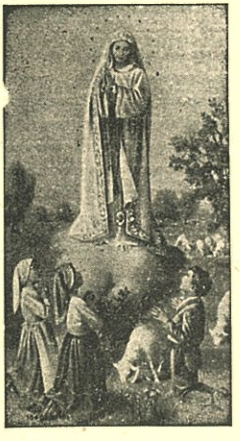
REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

Tipos de Acção Católica e «Obras Auxiliares» — P. Manuel F. Falcão 158
Semana de Estudos Paroquiais — A. T. 166
Música para o Ofertório 169
Apostolado da Oração — Marques Dias 170
Escutismo e Acção Católica — L. D. 174
Os Nossos Pobres — R. Lopes 177
A Psicanálise e a Moral — Miguel P. de Carvalho 178
Crónica — Fernando Melro 184
Apresentamos 186



IMAGENS MISSAIS E TODOS OS ARTIGOS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA

Tipos de Acção Católica e "Obras Auxiliares"

Acção Católica com maiúsculas; acção católica com minúsculas; Acção Católica em sentido lato e restrito, em sentido abstracto e concreto; Acção Católica essencial e específica; Acção Católica pròpriamente dita, oficial e primária; Acção Católica especializada e Acção Católica geral; Acção Católica unitária e Acção Católica federativa..

Esta colecção de expressões, correntes nos tratadistas do assunto, mostra com evidência que o conceito de Acção Católica não é um conceito simples. Falar da A. C. sem especificar e precisar os termos é gerar confusões.

A DEFINIÇÃO DE PIO XI

O que é a Acção Católica ?

Já hoje ninguém ignora a definição clássica de Pio XI: «A participação, a colaboração dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja». À pergunta formulada — o que é a A. C.? — a resposta espontânea será esta mesma definição.

Porém, querendo precisar mais, indagaremos: a definição de Pio XI, a que A. C. se refere?

É pôr todo o problema da natureza, do valor e do conteúdo desta definição.

Encarando os termos da definição e abstraindo de qualquer noção complementar que a explicite ou complete, ela refere-se directamente à A. C. em sentido abstracto, considerada como actividade, como tipo de apostolado leigo que, porventura, se poderá encontrar realizado em várias formas concretas de associações.

É repetida a afirmação de que a A. C. é de ontem e é de hoje. Mas fala-se também na novidade da A. C.. Consequentemente nela haverá algo de permanente e algo de acidental.

Na definição de Pio XI, poderemos encontrar os elementos característicos destes dois aspectos? Ou, por outras palavras, a definição clássica da A. C. conterá não sòmente os elementos genéricos, essenciais e permanentes, mas também os elementos específicos, acidentais e novos com que esta forma de apostolado se apresente nos nossos dias?

Os autores aqui divergem. Há quem comece por negar o carácter rigoroso, filosófico, da definição, muito embora Pio XI a declarasse inspirada e afirmasse que «apesar de muito curta, ...contém tudo o que exigiria e exige uma definição». A maioria dos autores, porém, aceitam, plenamente ou com poucas restrições, o rigor da definição e procuram encontrar nela os termos que contêm o género próximo e a diferença específica.

Assim, apontam, em regra, como *elementos genéricos:* ser um apostolado de leigos, — subordinado à Hierarquia, — colaborando com ela, — com um certo mandato. E, a estes elementos genéricos, comuns a outras associações católicas, acrescentam os seguintes *elementos específicos* que são exclusivos da A. C. tal com a promoveu Pio XI: ordena-se a ajudar todos e cada um dos graus da Hierarquia Pastoral (Papa, Bispos, Párocos); — está subordinada directa e imediatamente a cada um deles e deles recebe mandato e direcção; — organiza os católicos todos num corpo orgânico único; — tem um campo de acção e uma finalidade tão vastos como os da própria Igreja.

OS ELEMENTOS ESPECÍFICOS DA DEFINIÇÃO

Onde estão, na definição de Pio XI, as palavras que exprimem ou contêm estes elementos específicos?

Uns autores apresentam a palavra «participação»; outros a palavra «hierárquico»; e outros ambas associadas. Fr. Alonso Lobo, O. P., na sua tese de doutoramento publicada com o título «Que és y que no és la Acción Católica», afirma simplesmente que na definição apenas se encontram os elementos genéricos.

E parece-me que tem razão. Em primeiro lugar, não vejo como extrair das palavras da definição todos os quatro elementos específicos

acima apontados. Depois, Pio XI e, sobretudo, Pio XII têm aplicado frequentemente a definição, *ipsis verbis*, à colaboração que os fiéis leigos têm prestado à Igreja desde os tempos apostólicos até aos nossos dias e, em casos concretos, aplicam-na também a associações que não são Acção Católica oficial. Esta aplicação seria ilegítima se a definição da A. C. dada por Pio XI se referisse exclusivamente à A. C. em sentido restrito.

Os elementos específicos, exclusivos desta A. C. também chamada primária ou pròpriamente dita, encontrà-los-emos repetidos em inúmeros documentos e podem resumir-se em duas palavras. *organização e mandato.*

Analizemo-los.

1.º ELEMENTO DISTINTIVO DA A. C. — ORGANIZAÇÃO

A organização, afirmam quase unânimemente os autores, é «a nota essencial que constitui a novidade da A. C.». «Convém recordar, antes de mais, que a A. C., sendo em essência tão antiga como a Igreja, vai, no entanto, assumindo, nestes últimos tempos, formas mais apropriadas às necessidades modernas, de acordo com as indicações dos Sumos Pontífices ... Além da A. C. pròpriamente dita há outras Instituições, Associações, Iniciativas, exercendo, de facto, um amplo e eficacíssimo apostolado individual e social com FORMAS DE ORGANIZAÇÃO apropriadas à índole de cada iniciativa e tão variadas como estas E POR ISSO MESMO DIVERSAS DA ORGANIZAÇÃO PRÓPRIA DA A. C.» *(Carta do Card. de Est. de Pio XI de 30-3-1930).*

Para a plenitude e eficiência da colaboração com a Hierarquia, exigem-se à organização da A. C. duas características:

1.ª — ORGANIZAÇÃO DECALCADA SOBRE A DA HIERARQUIA. — Para perfeita coordenação entre o apostolado da A. C. e o da Hierarquia, convém que haja uma correspondência exacta entre a organização da A. C. e a estrutura da *Hierarquia Pastoral.* Trata-se, de facto, aqui, da Hierarquia Pastoral, nos seus diversos graus, — Papa, Bispos. Párocos, visto ser ela quem tem jurisdição ordinária sobre os fiéis leigos e a responsabilidade do governo geral da Igreja.

As outras associações, sobretudo no que respeita ao apostolado externo, também dependem desta Hierarquia. Porém. não tão universalmente como a A. C.. Nesta, a estrutura orgânica amolda-se proposita-

damente à Hierarquia, para lhe poder dar, de forma habitual, toda a colaboração. Até quando as condições da vida moderna aconselham a colaboração interdiciosana no plano nacional, ou interparoquial no plano regional, ou actividades extraparoquiais, mesmo nestes casos a A. C. responde a essas exigências estendendo a sua organização a esses planos. «Embora a A. C., na origem, esteja ORGANIZADA COMO A PRÓPRIA IGREJA, por dioceses e paróquias, isso não impede todavia o seu ulterior desenvolvimento para cima e além dos limites restritos da paróquia.. » *(Pio XII, disc. de 3-5-1951).*

2.ª — UNIDADE ORGÂNICA — À semelhança da estrutura da Hierarquia eclesiástica, caracterizada por uma essencial e forte unidade orgânica, a A. C. «é um grande exército de almas movidas todas pelo desejo de participar no apostolado da Igreja». *(Carta do Secret. de Est. de Pio XI, de 30-3-1930),* «é um grande exército que flanqueia a Hierarquia católica na obra de restauração cristã» *(Carta do Secr. de Est. de Pio XII a Mons. Rota, de 10-2-1943).*

Esta unidade não quer dizer uniformidade rígida. «Se bem que seja UMA SÓ EM TODO O MUNDO, no entanto está constituída em conformidade com as necessidades de cada País e de cada Nação» *(Pio XI ao Card. Schuster, 28-8-1934).*

2.º — ELEMENTO DISTINTIVO DA A. C. — O MANDATO

Alguns canonistas insurgem-se contra as expressões «mandato» e «missão canónica» e teriam razão se devessem tomá-las no sentido ou nos sentidos que lhes dá o C. D. C..

Para a A. C. o mandato significa: o reconhecimento pela parte da Igreja duma subordinação mais directa e imediata à Hierarquia e, da parte da A. C., uma disponibilidade estrutural para a realização de toda e qualquer tarefa que a Hierarquia lhe queira confiar. Vejamos estas características.

1.ª — SUBORDINAÇÃO DIRECTA E IMEDIATA À HIERARQUIA — A subordinação à Hierarquia não é exclusiva da A. C.. Sem ela, haveria insubordinação, cisma, heresia. Mas a subordinação tem formas e graus. Na A. C. ela é em forma e grau eminentes.

Pio XII tem sido, neste ponto, não menos explícito que Pio XI: «A A. C., bem o sabeis, está, por título especial, directamente subordinada ao poder da Hierarquia eclesiástica da qual é colaboradora no apostolado» *(Disc. de 3-5-1951)*. «Na alocução de 3 de Maio último demos a entender que a dependência do apostolado dos leigos em relação à Hierarquia admite graus. ESTA DEPENDÊNCIA É MAIS ESTREITA PARA A ACÇÃO CATÓLICA; esta representa, com efeito, o APOSTOLADO OFICIAL DOS LEIGOS; é um instrumento nas mãos da Hierarquia, deve ser como que o prolongamento dos seus braços, estando, por esta razão, sujeita por natureza, à direcção do Superior eclesiástico» *(Disc. ao Congr. do Apost. leigo, 14-10-1951)*. Esta subordinação é tão íntima que o mesmo Sumo Pontífice pôde terminar o citado discurso à A. C. Italiana de 3-5-1951 com estas palavras: «Deveis todos *sentire cum Ecclesia*.. E como poderia ser de outro modo se formais quase, por assim dizer, UMA SÓ COISA COM OS BISPOS E COM O PAPA?»

2.ª — DISPONIBILIDADE PARA TODA A TAREFA APOSTÓLICA — Para a colaboração prestada pela A. C. à Hierarquia ser plena e eficiente, requer-se que, por sua própria estrutura e natureza, a A. C. esteja disponível sempre e em toda a parte a dar toda e qualquer ajuda que os diversos Pastores hierárquicos lhe solicitam. Esta disponibilidade, esta maleabilidade, esta universalidade de fins e de campos de acção, são outra característica distinta da A. C. pròpriamente dita.

Tanto em Pio XI como em Pio XII se encontram textos expressivos. «AONDE É MISTER QUE CHEGUE O APOSTOLADO HIERÁRQUICO. AÍ DEVERÁ CHEGAR TAMBÉM A A. C.. Ela tem, nos termos do seu mandato um campo que não tem limites, embora nesse campo tenha sempre um modo próprio de actuar» *(Pio XI, disc. de 19-4-1931)*. «Esta palavra «Acção», precisa e compreensiva ao mesmo tempo, indica o carácter próprio da vossa organização e distingue-vos das outras associações católicas. Não já que estas não exerçam também uma acção. Mas a acção delas tende geralmente para uma finalidade peculiar e determinada que se quer conseguir mediante um trabalho organizado e permanente... Por isso essas associações tomam ordinàriamente o próprio nome do fim que se propõem. Vós, pelo contrário, CHAMAI-VOS «ACÇÃO CATÓLICA» PORQUE... TENDES UM FIM GERAL e não particular ou específico» *(Pio XII, disc. 3-5-1951)*.

TIPOS DIVERSOS DE A. C. OFICIAL

Ao pretender-se criar a A. C. oficial num País, dois *caminhos* se podem seguir.

O primeiro consiste em a Hierarquia criar de raíz o conjunto de organismos e corpos directivos com as características específicas apontadas atrás. Tal processo leva ao tipo da *ACÇÃO CATÓLICA UNITÁRIA* caracterizada por uma grande homogeneidade e numa articulação perfeita com os diversos graus de Hierarquia. É modelo deste tipo a A. C. Italiana e são exemplos a nossa, a espanhola, a das repúblicas sul-americanas, etc..

O segundo caminho consiste em coordenar pura e simplesmente todas ou parte das associações de apostolado já existentes criando para isso secretariados nos vários planos hierárquicos de molde a congregar e disciplinar as actividades anteriormente dispersas. Este processo leva ao tipo de *ACÇÃO CATÓLICA FEDERATIVA* de que são exemplos mais frisantes a norte-americana e a suíça. Tem a vantagem sobre a anterior de aproveitar melhor o valor das iniciativas privadas mas a desvantagem de nunca conseguir a unidade, a disciplina e a maleabilidade que naquela se observam.

Os dois tipos podem coexistir. Geralmente até, nos Países da A. C. unitária, como o nosso, as associações e obras que não fazem parte da A. C. primária ou oficial, encontram-se por esta coordenadas por um Secretariado das Obras Auxiliares ou órgão equivalente.

A Hierarquia, ao criar a A. C., pode também ter dois *fins principais em vista.*

O primeiro é a cristianização geral da sociedade pela insuflação do espírito do evangelho nos vários meios e instituições sociais. O tipo de A. C. que melhor se presta para atingir directamente esta finalidade é a *ACÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA.* Foi este tipo de A. C. que, principalmente, Pio XI fomentou.

O segundo fim que a Hierarquia pode ter em vista é o auxílio directo aos Pastores hierárquicos, especialmente aos Párocos, no exercício das suas funções pastorais e na revitalização de vida cristã em torno da Igreja paroquial. O tipo de A. C. que melhor atinge esta finalidade é a chamada *ACÇÃO CATÓLICA GERAL.*

Estes dois tipos podem coexistir, e de facto coexistem nalguns países, principalmente na França. Justificam-se os dois tipos existindo simultâneamente porque as duas finalidades — cristianização dos meios e apostolado paroquial — são bem distintas e ambas igualmente urgentes e importantes para a vida da Igreja; e, além disso, se muitos cristãos, por temperamento e modo de vida, são capazes de apostolado de meio, grande parte deles só poderá prestar colaboração eficiente no plano mais restrito da paróquia.

AS «OBRAS AUXILIARES» DA A. C.

Numa A. C. de tipo unitário e especializado como a nossa, além das Organizações e Organismos que constituem a A. C. primária ou oficial, há uma multidão de associações e obras católicas que exercem uma ou outra forma de apostolado. Estas associações têm o nome de «Obras Auxiliares da A. C.» quando são por ela coordenadas.

O que atrás ficou dito é mais que suficiente para se fazer a distinção entre os Organismos da A. C. e estas Obras Auxiliares.

O nome de «auxiliares» tem algum fundamento nos textos pontifícios. Aparece, com efeito, pelo menos em três do tempo de Pio XI. Mas em nenhum deles se insiste na expressão. Sem forçar o sentido e até a letra, podia-se substituir o adjectivo «auxiliares» pela expressão «que prestam colaboração».

Faço esta observação porque, em português pelo menos, a expressão «auxiliar» sugere uma certa subordinação, dependência ou inferioridade, e já isso pode ferir susceptibilidades.

Pio XII tem, mais que uma vez, insistido em que «a A. C. não tem, por sua natureza, a missão de estar à frente das outras associações nem de exercer sobre elas uma função de quase autorizado patronato. O facto de estar colocada sob a imediata direcção da Hierarquia eclesiástica não leva consigo semelhante consequência».

No entanto, se a A. C. «não tem, por natureza, a missão de estar à frente destas associações», a Hierarquia costuma confiar aos órgãos coordenadores da A. C. oficial a missão de coordenar as actividades apostólicas destas associações. Basta dar uma rápida vista de olhos aos Estatutos da A. C. nos vários países para se verificar isto mesmo.

Assim, por ex., nos art.º 1.º e 2.º do *Statuto dell'Azione Cattolica*

Italiana, na I Base Orgânica da A. C. Portuguesa, na 1.ª Base de la Acción Católica Española e no art.º 3.º dos *Estatutos da Acção Católica Brasileira,* assinalam-se DUAS FUNÇÕES fundamentais à A. C. oficial nestes países:

1.ª Agrupar os católicos em Organizações de apostolado *(Acção Católica Primária);*

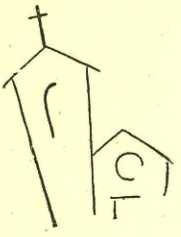
2.ª Coordenar as outras associações e obras católicas *(Obras Auxiliares).*

Pio XI insistiu mais na primeira função. No seu tempo a maioria das associações católicas antigas tinham vida lânguida. Era urgente organizar as forças católicas e a criação de novas associções mais adaptadas às novas necessidades era o caminho mais fácil e mais rápido.

Pio XII já encontrou a A. C. primária pràticamente organizada por toda a parte. Verificou depois que muitas obras de apostolado, estimuladas pela A. C., afervoraram o seu zelo e algumas remodelaram até a sua própria orgânica interna. Aproveitando as lições da experiência e levado até pelo seu largo humanismo inclinado a respeitar profundamente todos os valores da pessoa humana e, particularmente, a sua livre iniciativa, tem olhado com solicitude maior para essas obras. E, sem esquecer a distinção entre A. C. primária e elas, dá-lhes um lugar cada vez mais importante no conjunto de todas as organizações de apostolado leigo. Parece mesmo abrir horizontes mais rasgados à própria A. C. de maneira a facilitar a harmonia e colaboração de todos os católicos de acção, até daqueles que não estão filiados em associação alguma. Neste sentido devemos interpretar os novos estatutos do Apostolado da Oração e a «Bis Saeculari» relativamente às Congregações Marianas. Neste sentido também, devemos encarar as novas «definições» que da A. C. Pio XII dá nos últimos documentos, de que são exemplo estas que transcrevo: «Vós — fala à A. C. Italiana — não sois um eixo fixo em torno do qual gravite o mecanismo de uma organização qualquer, mas antes, sois como que *um lugar de reunião onde convergem e se organizam os católicos de acção»*; «...o sentido específico da A. C. consiste, como temos dito, no facto de esta ser como que *o ponto de encontro dos católicos activos...*».

P.e MANUEL F. FALCÃO

SEMANA DE ESTUDOS PAROQUIAIS



De 27 a 29 do mês de Abril decorreram no nosso Seminário os dias pastorais para o clero do Patriarcado.

Não é só pela coincidência material de ter sido escolhida esta casa para sítio de reunião, que nos é lícito assinalar o acontecimento e arriscar mesmo juízos e apreciações.

O que principalmente nos move a quebrar o silêncio é a consciência de que nos encontramos no que foi, e quer continuar a ser, o foco de irradiação deste movimento renovador que já se vê frutificar. A isso se referiu Sua Eminência o sr. Cardeal Patriarca nas palavras de encerramento, não se esquecendo de evocar Monsenhor Pereira dos Reis. A simples recordação dessa veneranda figura constitui na realidade estímulo poderoso.

Tivemos ocasião de ajuizar das enormes vantagens destes encontros sacerdotais.

Cada um dos sacerdotes participantes pôde dar o seu contributo de sugestões e experiências, e ao mesmo tempo valorizar-se com os depoimentos alheios. Quando não se pudesse apontar outra utilidade, deveria reconhecer-se que estas reuniões afirmam e fomentam a unidade, e ninguém ignora que no trabalho apostólico e pastoral, mais que em qualquer outro ramo de actividade, a união faz a força.

Os temas foram bem escolhidos. A participação dos fiéis na missa e as ligações entre Paróquia e Acção Católica são problemas vitais na Pastoral moderna.

O que mais nos impressionou no decorrer dos debates foi precisamente o facto de eles terem posto em foco as reais dificuldades de concretização desses programas de apostolado. Claro que se não houvesse dificuldades a vencer e soluções a encontrar não teriam sentido este

encontros. O que quero dizer é que os sacerdotes mostraram estar capacitados dos problemas que debateram, transparecendo nas suas atitudes o desejo vivo de encontrar resposta satisfatória a interrogações que a experiência pastoral fez surgir nos espíritos.

Liturgia e Acção Católica já não são entre nós, felizmente, novidades que se analisem do exterior, mas apresentam-se como imperiosas exigências a quem já ganhou consciência das necessidades espirituais do mundo de hoje.

Aqui fica o que se nos oferece dizer a propósito desta II Semana de Estudos Paroquiais, de que arquivamos as conclusões e votos.

A. T.

CONCLUSÕES E VOTOS DA SEMANA

No final das sessões de estudo foram elaboradas e aprovadas por aclamação as seguintes conclusões:

I — A Assembleia reconhece o muito que se avançou desde a última Semana de Estudos Paroquiais. especialmente no que respeita à participação dos fiéis no Santo Sacrifício da Missa, à melhor compreensão da magnífica liturgia dos Sacramentos e a mais perfeita organização paroquial.

Por isso:

a) Presta homenagem a todos aqueles que têm contribuído para esse apostolado por meio da publicação de opúsculos em língua portuguesa, pela doutrinação apropriada cada vez mais extensa e intensa e por outras iniciativas de ordem prática.

b) Congratula-se com a efectivação de alguns dos votos formulados na última Semana de Estudos Paroquiais nomeadamente a respeito de fichas familiares para a estatística paroquial, opúsculos sobre alguns Sacramentos, Cédulas Pessoais e formação de várias equipas sacerdotais.

c) Regozija-se com as facilidades trazidas à participação dos fiéis no Santo Sacrifício da Missa pela Nova lei do jejum eucarístico e pelas missas vespertinas.

II — Da exposição das teses e troca de impressões que se lhes seguiu, reconheceu que se tornava indispensável fazer compreender aos fiéis que a participação essencial no Santo Sacrifício da Missa é a união íntima com Cristo e, por isso, toma as seguintes resoluções.

a) Que na preparação dos leigos para a participação nos ritos externos se tenha na máxima conta, segundo as directivas do Santo Padre na «Mediator Dei», inculcar nos fiéis a maneira próxima e íntima de se unirem a Cristo Sacerdote, presente no seu ministro, e a Cristo Vítima, presente na Eucaristia.

b) Que na doutrinação aos fiéis se insista em que a participação nas restantes partes da Missa (pela dialogação, canto, ofertório solenizado, etc.) se ordena para esta união a Cristo Sacerdote e Vítima.

c) E que nós mesmos sacerdotes, tomemos cada vez mais consciência de que nas sagradas funções, fazendo as vezes de Cristo, incluimos na nossa oblação a de todo o Corpo Místico, especialmente a dos nossos fiéis, como também juntamente

com a Vítima Imaculada oferecemos tudo o que sofre o Corpo Místico e, em especial, os sofrimentos próprios e os do nosso rebanho.

III — Reconhecendo também a necessidade que tem o povo cristão de receber uma sólida formação litúrgica e sendo a pregação o meio indispensável para tal fim, formula os seguintes votos:

a) Que a pregação se aproxime mais da liturgia, procurando nela os temas de formação dogmática e moral;

b) Que frequentemente, como manda o Concílio de Trento, se explique aos fiéis o sentido e a riqueza dos ritos sagrados;

c) Que se aproveitem todas as publicações periódicas de formação católica, especialmente os Boletins paroquiais, como complemento da pregação litúrgica;

d) Que se publiquem edições do Missal acessíveis aos fiéis, quer quanto à tradução, quer quanto ao preço. E que, para melhor compreensão do Missal, se fomente a publicação de versões populares da Bíblia (Antiga e Novo Testamento) e de Manuais de História Sagrada;

e) Que se tenham em conta as directrizes da Comissão Diocesana de Arte Sacra na construção das novas igrejas não esquecendo a sua parte funcional e as leis litúrgicas e tradições.

IV — Reconhecendo, por fim, que os sentimentos internos se exteriorizam pela voz, gestos e atitudes, e que estes por sua vez tornam os sentimentos mais conscientes e vivos, e que para haver uma verdadeira comunidade de participação é necessária uma unidade de manifestações externas, sugere:

a) Que se publiquem com a possível brevidade normas tendentes a uniformizar em todo o Patriarcado as atitudes dos fiéis nas Missas solenes, cantadas e rezadas;

b) Que dada a falta duma colectânea de cânticos apropriados aos vários tempos litúrgicos e às partes da Missa, se edite um livro em que se recolham os já existentes juntando-lhes outros novos. E que para efeitos de divulgação destes cânticos se procurem utilizar os grandes recursos da técnica de gravação e da Rádio;

c) Que se procurem estudar as possibilidades de evitar a grande diversidade existente nos formulários da dialogação da Missa.

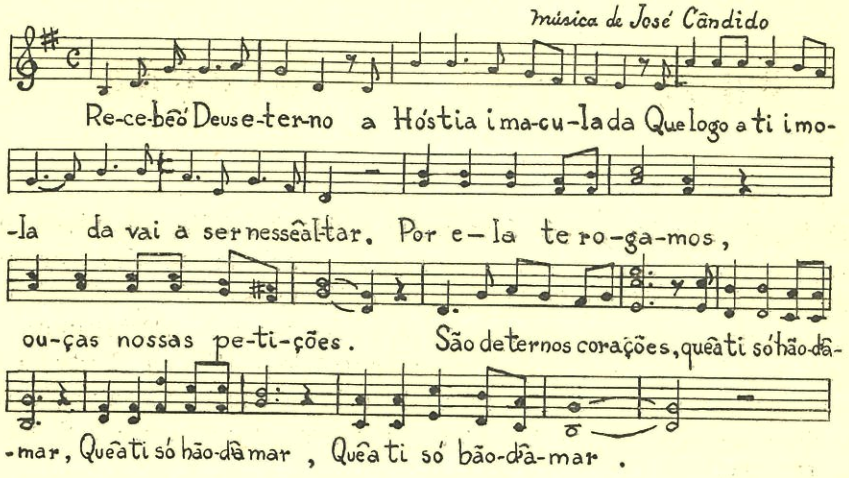
V — A Assembleia, grata à Acção Católica pelo precioso auxílio que vem prestando ao apostolado paroquial, especialmente no campo doutrinário, litúrgico, sacramental e disciplinar, presta calorosa homenagem aos seus Assistentes, Dirigentes e Militantes, promete impulsionar os desenvolvimentos das Secções paroquiais e continua reconhecendo como válida a resolução tomada na Semana anterior e que é do teor seguinte:

Reconhecendo que a Paróquia como tal, com as suas limitações territoriais e a sua função específica, não pode, por ela só, resolver os inúmeros problemas que a vida moderna criou à evangelização, nem tão pouco neutralizar os múltiplos meios de descristianização existentes na própria orgânica da sociedade,

— resolveu dar o melhor do seu esforço à formação dos leigos para a A. C., assistir convenientemente às Secções paroquais, dar-lhes o sentido da vocação paroquial e supra-paroquial da A. C., e secundar devidamente os esforços do Venerando Episcopado para uma forte organização e expansão de A. C. Portuguesa».

MÚSICA PARA O OFERTÓRIO

RECEBE, Ó DEUS ETERNO



Recebe, ó Deus Eterno,
A hóstia imaculada
Que logo a ti imolada
Vai a ser nesse altar
Por ela Te rogamos
Oiças nossas petições
São de ternos corações
Que a Ti só hão-de amar.





Recebe, ó Deus Eterno,
O vinho que Te ofertamos,
Pois nele depositamos
Todo o nosso penar.
Por ele Te rogamos
Oiças nossas petições
São de ternos corações
Que a Ti só hão-de amar.

Apostolado da Oração

«O Apostolado da Oração é uma Pia União dos fiéis, que vivem não sòmente para a salvação das almas próprias, mas que também, por meio da oração e do sacrifício, trabalham na edificação do Corpo Místico de Cristo, ou na propagação do seu reinado na terra». (Estatutos)

Esta Pia União tem como fundamento dogmático a doutrina do valor impetratório do oração, sacrifício e boas obras na salvação das almas: doutrina esta que se encontra por sua vez bem clara em S. Paulo (I Tim. II, 1-4).

Tendo tido esta doutrina uma aplicação organizada em circunstâncias providenciais deu origem histórica ao A. da O.

Para avaliarmos com objectividade das virtualidades desta associação de fiiés, como aliás de qualquer obra, podemos lançar mão de dois critérios: pelo primeiro examina-se a natureza, fim e meios de que dispõe para o atingir; pelo segundo verificam-se os resultados obtidos quando se trate de organização já de alguma existência.

Sem perigo de engano se pode desde já afirmar que por ambos os caminhos chegaremos à mesma apreciação que S. Pio X exprimiu deste modo: — «Para curar tamanhos e tão diferenetes males, como os que afligem a humanidade, muitos meios foram até agora postos em prática pelos católicos e com muito prveito; mas vemos que nenhum é mais útil e vantajoso, querido filho, que esta obra e cargo, a que tu presides». (1)

O A. da O. encontra-se no meio das associações de fiéis como uma Pia União; livre, portanto dos trâmites jurídico-canónicos para a fundação dos diversos centros e para a restante organização do seu movimento.

---

(1) Carta de 9-IV-1911, ao director geral do Apostolado da Oração.

Não foi sem razão que lhe foi dado este lugar jurídico. Trata-se da forma mais apta, porque mais simples, para atingir o seu fim tão universal. É, sem dúvida, esta uma das razões por que hoje, a pouco mais de um centenário da fundação, se explica a assombrosa expansão do Apostolado da Oração.

Seria demasiado austera esta piedosa Liga se, por absurdo, se confinasse a uma entidade jurídica. O próprio título nos orienta na verdadeira perspectiva de lhe encontrarmos a essência.

Estamos em presença duma Associação toda orientada para a salvação das almas. Todavia, segundo os planos eternos da Sabedoria Divina, não se pode atingir tal fim sem que pelo mesmo facto se procure a glória de Deus. Daqui resulta o conhecimento do universalíssimo fim do A. da O.: glória de Deus pela salvação das almas.

Se é este o fim do A. da O., deve encontrar-se nele a mística necessária e suficiente para levar os seus membros a dar-lhe realização. Na verdade, verifica-se que esta Pia União é um despertar da consciência cristã para o dever que a todos incumbe de comunicar ao próximo o facho da luz da fé, que temos a glória de possuir. Eis um dos expoentes da caridade cristã, e a «caridade é a perfeição da lei».

Não se trata, porém, duma Associação de fiéis, que vise directamente o apostolado imediato ou indirecto junto das almas, mas que pretende levar os seus membros a alcançar de Deus o incremento para o trabalho dos que plantam e regam na vinha do Senhor.

Como, por outro lado é impossível desejar e pedir uma coisa sem fazer todo o esforço para a alcançar, segue-se que o «termo lógico aonde vai parar o A. da O., é a A. C.». (1)

Por estas palavras se nos manifesta a oração como o principal meio de que o A. da O. dispõe para a realização do seu fim. Mas se a oração em geral é o mais valioso meio de qualquer obra apostólica, quais os elementos específicos da oração aqui mencionada?

A nossa Pia União pretende que a oração dos seus membros seja associada, unida ao S. Coração de Jesus, universal ou católica e orientada também para a reparação.

---

(1) Em.mo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, «O Apostolado da Oração e a Cruzada Eucarística das Crianças auxiliares da Acção Católica» 1935, pág. 7.

Seja permitido destacar alguma das quatro notas. São tão íntimas as relações do A. da O. com a devoção ao SS.mo Coração de Jesus, que, «por direito e merecimento se pode dizer ser o Apostolado da Oração uma forma perfeita da devoção ao SS.mo Coração de Jesus, e que, por sua vez, a devoção ao SS.mo Coração de Jesus não se pode jamais separar do Apostolado da Oração». (1)

Precisamente nesta união se encontra a força vital do A. da O. Sendo, pois, a oração do associado dirigida ao Pai por meio e em união com o S. Coração de Jesus, esta deve ter as mesmas intenções que aquelas pelas quais «o mesmo divino Coração está contìnuamente intercedendo e sacrificando-se nos nossos altares», isto é, deve ser universal.

O A. da O. para atingir o seu fim não apresenta apenas ideias, lança mão de exercícios de piedade, que, embora não obriguem a todos os associados, constituem no seu conjunto um alto programa da perfeição cristã.

Consiste o primeiro exercício no oferecimento quotidiano das orações, obras e sofrimentos. É uma correspondência ao amor infinito de Deus, e tão perfeita quanto é possível a uma criatura.

Uma vez consagrado ao Amor Divino pelo primeiro exercício, o associado do A. da O. não suporta que esse Amor Infinito seja ultrajado sem sentir a obrigação de satisfazer ou reparar. É este o segundo exercício concretizado na Assistência à Santa Missa e na Comunhão reparadora. Finalmente, o terceiro exercício consiste no recurso à Virgem Santíssima — a Medianeira de todas as graças — .

Terá o A. da O. atingido já, embora inadequadamente, o seu fim? Por outras palavras: Estará em proporção o resultado obtido com a sua tão grande potência de vitalidade?

Um breve relance sobre o panorama histórico desta Pia União servirá de resposta cabal.

O A. da O. nasceu dum apaixonante desejo de apostolado. As primeiras tentativas de organização tiveram por autores os alunos dum colégio de Jesuítas em Vals, perto de Puy, tendo à sua frente o director espiritual do instituto — P.e Xavier Gautrelet, S. J..

---

(1) Carta de S. S. o Papa Pio XII ao Geral da Companhia de Jesus, em 19-IX-1948.

Esta piedosa Liga deu excelentes resultados logo a seguir aos seus tão humildes começos. Esses resultados eram necessários além das fronteiras francesas, mas para isso urgia aparecer quem descobrisse o quase princípio vital do A. da O.. A Providência suscitou para tal tarefa outro jesuíta, o P.e Henrique Ramière. Este, aproveitando toda a obra de Gautrelet, *apenas* acrescentou que «Acima de tudo o A. da O. deve ser oração unida à do Santíssimo Coração de Jesus, porque só a dEle tem aceitação; Jesus é o único Mediador...»

Foi tal o incremento dado ao A. da O. pelo P.e Ramière que, já em 1866, apenas 22 anos após a fundação, mereceu os primeiros estatutos dados por Pio IX.

É eloquente, a linguagem dos números.

O A. da O. conta hoje no mundo inteiro 37 milhões de associados distribuídos por 42 direcções nacionais, 1.417 diocesanas e 135.000 centros locais.

Para instruir e sobretudo edificar os seus membros, serve-se o A. da O. de 2.100 emissões de rádio e de 57 «Mensageiros do Coração de Jesus» em 32 línguas diferentes, além duma multidão de publicações periódicas e não periódicas.

Portugal não ficou como espectador e já em 1864 o jesuíta italiano P.e António Marcocci lançou, na Capela dos Milagres em Lisboa, os fundamentos desta Pia União.

Encontra-se hoje estabelecido em todas as Dioceses, contando com cerca de 2 milhões de associados distribuídos por uns 4.000 centros locais.

Começado a publicar em 1881, o «Mensageiro do Coração de Jesus» conta actualmente entre nós 6.500 assinantes.

MARQUES DIAS

Escutismo e Acção Católica

O conceito de Acção Católica, bem determinado quanto à sua noção global, tem contudo evoluído bastante quando se tenta explicitar em pormenor até mesmo o que nela há de essencial, e isto desde que foi fundada.

Espíritos esclarecidos, ciosos das precisões jurídicas, puseram o problema se no Escutismo Católico se verificava ou não o que Pio XII esperava dos movimentos da juventude, movimentos de formação e de acção. Mais concreto: quiseram saber se os «scouts de France» (1) faziam parte integrante da Acção Católica, ou antes seriam uma obra auxiliar da A. C..

Foi o P. Forestier quem pessoalmente foi perguntar ao Secretário Geral da A. C. francesa, Mons. Courbe, como responder a tal pergunta. A resposta foi clara:

Os «Scouts de France» fazem parte integrante da A. C.; e fica autorizado a dizê-lo apoiando-se no testemunho do Secretário Geral da A. C. francesa».

Assente este ponto de partida, vejamos a que título fazem os «Scouts de France» parte da A. C., e extensivamente todos os escuteiros católicos.

A A. C. — repita-se uma verdade mil vezes repetida — é tão velha como a Igreja; com aspectos novos no entanto, que são a participação organizada dos leigos na obra sublime confiada por Deus à hierarquia e que é a difusão da verdade e a santificação das almas. É portanto um apostolado confiado aos leigos, impulsionado, guiado e em conformidade com o juízo da hierarquia. Mons. Pizzardo diria que a A. C. tende à formação das consciências, que atinge o homem todo.

---

(1) Em França há seis associações de Escutismo: quatro para rapazes e duas para raparigas. O que dizemos dos «scouts de France» aplicamo-lo a todo o Escutismo Católico.

Ora, não é outro o objectivo e o fim intentados pelo Escutismo Católico, ao procurar incutir um ideal cristão nos indivíduos, nas famílias e na sociedade, por meio de uma formação profunda da juventude e de uma renovação de costumes constantemente lembrada, peremptòriamente definida e apontada na Lei e nos Princípios.

Há harmonia perfeita de fins em ambas as organizações. A A. C. aplica-se ao aperfeiçoamento cristão de seus membros e ao apostolado, porque obra de apostolado. O aperfeiçoamento cristão é no entanto para cada filiado o primeiro e o maior dever. Assim escrevia Pio XI ao Cardeal Segura. Tratando-se de um movimento da juventude, a obra de formação deve preceder — pelo menos na ordem lógica — a obra de apostolado. Ninguém dá o que não tem. Ninguém dará Cristo a seus irmãos, se O não possui, se O não comunica por meio de uma vida que O deixe transparecere Mandar muito cedo, sem suficiente preparação, cordeiros paro o meio dos lobos, é por si evidente a que perigos ficam expostos. Por isso mesmo Pio XI insiste nisto, que as organizações juvenis deverão aplicar-se sobretudo a um trabalho de formação e preparação». A A. C. realiza-se portanto em três momentos: Recrutamento dos membros, sua formação integralmente cristã e aplicação à acção — comenta Mons. Pizzardo que, falando aos Assistentes de organizações juvenis, recomenda todo o empenho em formar nos jovens o *sentido da responsabilidade e da disciplina.*

Porque plenamente conformes com o seu espírito, a leitura destes textos traz ao Escutismo Católico uma grande tranquilidade — comenta o P. Forestier.

O apóstolo leigo está associado ao apostolado da hierarquia segundo o seu plano organizado. O Escutismo Católico adapta-se perfeitamente a este plano. Requer a aprovação do Bispo diocesano. Assistentes e Chefes, uma vez nomeados, serão aprovados pelo Bispo ou delegado seu. Há todo um conjunto de características que se verificam no apóstolo leigo e no Escuteiro católico. Um como outro pretendem ser homens de carácter integralmente formado, encher-se de Cristo e fazer de suas vidas, em todas as manifestações da sua actividade uma cópia viva e uma irradiação de Cristo à sua volta, entre todos os seus irmãos. Diz o 1.º Princípio: «*O Escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta toda a sua vida*». Depois todo o escuteiro tem por lema — *SERVIR.*

Que todo Escuta seja uma rapaz para quem o Criador existe; que

tenha o sentido de Deus, Senhor do mundo; um rapaz para quem a Religião seja uma religião de todos os dias, que lhe penetre a vida toda, que não uma religião do Domingo, — com dizia o fundador do movimento. Baden Powell não compreendia que se pudesse ser escuteiro sem este espírito de Religião. A virtude da religião é a virtude dominante no Escutismo.

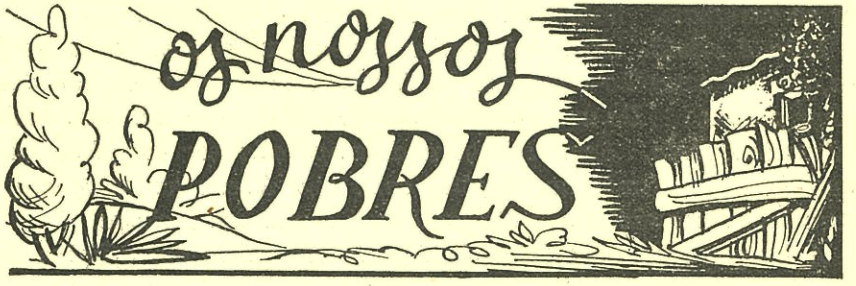
E é através da Criação que o escuteiro sobe ao Criador. Em cada ser da natureza lê o escuta a assinatura de Deus... Caminho acessível, simples e luminoso, e alimento permanente do espírito. O escuta é irmão pelo espírito de um S. Francisco de Assis e de uma Santa Teresinha do Menino Jesus. Em tudo encontra um motivo que o impele a elevar a alma até Deus Todo Poderoso.

Tem lugar importantíssimo no Escutismo o desenvolvimento das virtudes morais naturais, servas e incomparàvelmente menos nobres que as infusas, mas que lhes preparam o caminho e facilitam o exercício. Isto é dar carácter, é formar o homem completo. Lembra-lhe a piedade, o sentimento da honra, o domínio de si, o altruismo, a confiança em si mesmo, o raciocínio, a alegria de viver, a energia numa aspiração dinâmica ao sempre mais e sempre melhor. O escuteiro por ser escuteiro aspira a ser melhor. Não dá licença que, em igualdade de capacidades, outro faça melhor do que ele.

Também se propõe outros fins mais modestos, como seja o cultivar o bem precioso da saúde. Pretende educar, e educar é tornar o homem mais adestrado para servir os outros, a nação. Formar cidadãos robustos, de iniciativa, de inteligência prática, activos, competentes e alegres executores das suas funções pessoais, é fazer uma nação feliz e forte.

O Escutismo finalmente propõe-se servir os outros. Para o Escuta viver é servir. É por isso que ele está «*sempre alerta para servir*», hoje melhor do que ontem, amanhã melhor do que hoje. Este hábito de servir mata nele o egocentrismo original. O escuta é sonhador. Não daquele sonho que exorbita das realidades, mas daqueloutro sonho que precede e realiza os acontecimentos. Sonha o bem do próximo e tenta executá-lo. A moral do escuta é a moral do bem. Não é outra a mística da B. A. (boa acção) quotidiana. Em todo o lugar e em todo o momento o escuta quer ser bom e fazer bem. O escuta é apóstolo e nisto se resume a vida do apóstolo.

L. D.



Muito se tem dito sobre os pobres. E apesar de tudo, pouco se tem feito em favor destes nossos irmãos. E tanto menos, quanto é certo que vão surgindo novas falanges que tornam o problema mais aflitivo.

Dizer que o pobre é nosso irmão é fácil. Considerá-lo como tal, é mais penoso. Em situação idêntica, eu pretenderia que os outros me ajudassem a levantar de tal miséria. E no entanto, não quero ver a condição infra-humana de tantos irmãos meus, com igual direito a uma vida mais digna e mais humana. Não vivo a fé nem a caridade, porque sou profundamente egoísta, porque não sou verdadeiramente homem.

Queremos modificar o Evangelho, e em lugar dos dois mandamentos, amor de Deus e do próximo, pretendemos limitar-nos ao primeiro. «Quem diz que ama a Deus e não ama o próximo é mentiroso» — diz S. João.

Ele vivia com a mulher em condições miseráveis. A fome era muitas vezes a única companheira. E um dia os vizinhos levaram o marido a sepultar. Nem padre, nem Deus, nem nada.

Enquanto vivem, labutam pelo pão de cada dia — a sua preocupação única. Morrrem, e são sepultados como se tudo findara.

Numa outra barraca que visitámos, o marido foi trabalhar para nova quinta onde o domingo é respeitado. — «Sabe, diz-nos ela, *infelizmente agora a semana tem só seis dias. São 25$00 a menos. Fazem-nos falta».*

Outro caso. Ele tem nove bocas a comer e ninguém mais trabalha. As dívidas são muitas e o crédito vai diminuindo. — «Qualquer dia mato-me. Isto nem é vida nem é nada!» Uma vida falhada! É a situação aflitiva de centenas deles.

Não podemos pregar a resignação. Estômagos vazios não se calam nem se resignam. Sobretudo não suportam a injustiça.

Esta é cristã. Mas a injustiça fere-a igualmente. Veio da Beira Alta, de um concelho onde não há trabalho para todos os que desejam ganhar a vida. De um momento para o outro, veio cair num ambiente totalmente oposto. Sente-se agora desamparada por completo, que até o marido deu entrada no hospital com uma úlcera no estômago, onde espera há mês e meio pela operação que nunca mais chega.

A braços com uma filha de dois meses, vê-se em aflições para a alimentar. E não tem leite porque todos os dias passa fome...

Quem poderá compreender a tortura desta mãe!... Por enquanto sabe o valor do sofrimento. Ainda não perdeu o que trouxe de uma aldeia cristã.

Mas por quanto tempo ?

A miséria embota. A injustiça caiu sobre esta família. O marido era servente de pedreiro. Sobreveio a doença. Nem Sindicatos, nem Assistência.

Mas por quanto tempo ? Não nos admiremos que em breve esta mulher já não saiba sofrer.

R. LOPES

A PSICANÁLISE E A MORAL

Os problemas da psicanálise ainda não levantaram entre nós, as discussões públicas que suscitaram em outros países, mormente nos anglo-saxões, na Áustria, na França. E felizmente, porque tal divulgação só veio prejudicar a crítica séria e desapaixonada das experiências e dos resultados obtidos por Sigmund Freud e seus discípulos, e era fruto duma mentalidade impura que procurava justificar-se ou atribuir a uma moral mal compreendida as responsabilidades dos desvios observados.

Mesmo assim porém, não deixou de ser conhecida a doutrina de Freud, pelo menos por parte dum público mais informado, quer através

de filmes de inspiração psicanalítica (lembro-me neste momento de um de bastante sucesso: «*A Casa Encantada*») quer por meio das luzes fornecidas à população liceal pela sua cadeira de Filosofia. Assim se justifica em parte o êxito da conferência promovida pela JUC de Medicina na qual dissertou sobre «Psicanálise e Personalidade» o Doutor Miller Guerra, conferência que esperamos ver publicada, juntamente com as restantes pronunciadas em tão notável curso de Deontologia Médica.

Psicanálise é «in genere» a exploração do inconsciente. Convém considerar a psicanálise sob três aspectos: *1)* psicanálise como ramo de psicologia experimental. *2)* O «freudismo» ou a interpretação pansexual dos fenómenos observados. *3)* a psicanálise como técnica terapêutica.

Passo a considerar em particular cada um destes aspectos.

1) *A psicanálise como ramo da psicologia experimental*

Aqui a psicanálise não pode senão registar factos, estudar as influências recíprocas destes factos e procurar as causas próximas dos fenómenos mentais observados.

Temos de reconhecer com Jacques Maritain, (1) que sob este ponto de vista, Freud surge como um investigador de génio, como um psicólogo de grande valor a que não corresponde o medíocre filósofo do «pansexualismo».

A primeira noção que foi largamente desenvolvida pelas observações de Freud é a de *inconsciente*. O inconsciente não é o resíduo da actividade consciente. O que caracteriza o inconsciente é o facto de ele ser inacessível à «evocação voluntária»; para os elementos não conscientes que a consciência pode evocar pela vontade, reserva-se o nome de prè-consciente».

Muitos psicólogos rejeitam tal noção. Não podem entender que haja algo na vida psíquica que escape ao conhecimento da própria alma. Contra estes Freud demonstra empìricamente a verdade enunciada já por São Tomás, segundo o qual a alma humana só se conhece por reflexão sobre a sua actividade e assim nela existem zonas de obscuridade para si mesma.

---

(1) Freudisme et Psycanálise, em «Quatre essais sur l'Esprit dans sa condition charnelle», pág. 18.

Roland Dalbiez cita também como uma das grandes noções de Freud o que ele Dalbiez chama *expressão psíquica,* isto é, o facto de os fenómenos psíquicos não serem sòmente determinados pelos seus objectos mas ainda por outros estados psíquicos da pessoa, sendo esses fenómenos simultâneamente o efeito e o sinal, *a expressão psíquica,* dos estados psíquicos, suas causas. (1)

Admitindo a influência em toda a vida do homem dos traumatismos psicológicos e doutras manifestações psíquicas infantis e mesmo pré-natais, Freud, contra Wundt, Hipólito Taine, William James e outros filósofos menos importantes, afirma e demonstra empìricamente a profunda unidade da pessoa humana, mostrando existir nela algo que sempre permanece, associa e torna pessoal a corrente dos fenómenos psíquicos.

Creio bem poder subscrever o que o Cónego Nuttin afirma: «A psicanálise é um sistema cuja contribuição para o nosso conceito de vida psíquica foi de uma importância tal, que a influência que ela exerceu sobre a evolução do conjunto da psicologia se tornará, com o tempo, evidente a todos. (2)

2) *O «freudismo», ou a interpretação pansexual dos fenómenos observados*

Diz-se muito correntemente, com a mais absoluta verdade aliás, que todos os homens têm e vivem uma filosofia e todos os que dizem não ter filosofia, têm-na na realidade e da pior. Creio bem que esta nota se pode dizer com toda a justiça de Freud. Defendendo-se sempre de fazer filosofia, Freud dá origem a um conhecimento filosófico todo baseado em preconceitos e em confusão de terminologia que torna as suas análises filosóficas muitas vezes incoerentes e sempre confusas e mal fundamentadas. (3)

O pansexualismo parte de um conceito determinista, materialista, do homem, isto é, parte duma concepção filosófica e não de uma teoria científica. Com efeito, para Freud, existe na base de todo o psiquismo

---

(1) R. DALBIEZ, *La Méthode Psychanalitique et la Doctrine Freudienne,* ct. por Maritain, ib. pág. 25.

(2) Cit. em TIBERGHIEN, *Médecine et Morale,* pág. 197.

(3) Assim o conceito de *líbido,* conceito fundamental do pan-sexualismo, nunca aparece bem claro em Freud tendo cambiantes que vão de Sexual a genital. A interpretação que dou: *líbido* = instinto sexual creio que é a que corresponde melhor ao comum significado da palavra.

humano uma tendência única, que centra e comanda todas as outras tendências. Esta força é a *líbido,* o instinto sexual. Todos os movimentos, mesmo aqueles aparentemente livres são originados pelo dinamismo do instinto sexual; quer por manifestações claras desse instinto, quer ainda, e sobretudo, através de sublimações dos diferentes fenómenos sexuais. Estas sublimações como aliás os recalcamentos, únicos constituintes do inconsciente segundo Freud, não são feitas pela vontade livre do homem, mas sim pelas diferentes opressões sociais e pelas leis morais que se impõem, segundo estes autores, de fora para dentro. Assim o ideal artístico e o próprio ideal religioso não passam de «transformações do instinto, meios desviados pelos quais o instinto, recalcado no seu exercício normal, se satisfaz de maneira insidiosa e velada». (1)

O que dirá a verdadeira filosofia a este respeito? Convém tocar em dois pontos, que me parecem essenciais para a interpretação espiritualista dos fenómenos que vimos tratando.

— O homem é uma unidade complexa. Nele existe simultânea e sinèrgicamente faculdades inseridas numa unidade «alma-corpo». No entanto estas faculdades são *especìficamente* diferenciadas. Isto é, são irredutíveis umas às outras. Não podemos admitir que a simples variação quantitativa das faculdades sensitivas seja capaz de justificar o aparecimento das faculdades intelectuais; por outras palavras — que os instintos, no sentído puramente animal da palavra, sejam capazes de provocar movimentos em ordem a bens espirituais.

Por espiritual, o homem é um ser livre. Admitimos que existem recalcamentos e sublimações. Mas também frutos da vontade livre do homem. E isto explica-se se considerarmos que a sua liberdade, sempre orientada para um fim último, que é o bem absoluto, dará ao exercício de cada uma das faculdades, superiores e inferiores, um lugar ordenado à fruição do bem para que tende. O próprio apetite sensível, a sensibilidade, é apto a obedecer à vontade e no homem encontra-se, no dizer de S. Tomás, *racional por participação.*

Onde reside o erro de Freud? Como sempre, numa generalização apressada. Dois factores nos fazem compreendê-la, em parte, pelo menos. A sociedade do fim do século passado e princípios deste século (ainda

---

(1) TIBERGHIEN, *Médecine et Morale,* pág. 199

mesmo, e infelizmente, parte da actual sociedade), vivia fortemente desregrada sob o ponto de vista sexual. (1) Em segundo lugar, Freud sofreu uma deformação profissional. Porque médico, foi a partir de doentes que inferiu a sua doutrina e é sobretudo em ordem ao seu tratamento que ele a expôs. Casos há na realidade em que o ideal artístico, e mesmo o religioso, se apresentam como formas de desvios de sexualidade anormal. Mas é erro fundamental, na própria medicina, querer compreender o normal pelo anormal. Sendo deformação profissional é deformação que inclusivamente dificulta o progresso nos conhecimentos fisiológicos e patológicos do psiquismo. Noto que, graças a Deus, dentro da psiquiatria, tal desvio se está perdendo e cada vez mais se tende a julgar o patológico pelo normal e não o normal pelo patológico.

3) *A psicanálise como técnica terapêutica*

Desde 1895 que o médico austríaco Breuer estabelecia como origem de estados mórbidos do psiquismo, experiências emotivas chamadas por ele «choques ou traumatismos psicológicos». O mesmo psiquiatra pensou curar os doentes com sintomas cuja origem pudesse ser atribuída aos traumatismos psicológicos, provocando neles a reconstituição da emoção indutora! «Aparecendo no consciente de maneira clara, explicitados pelo doente, que por associações de imagens e recordações remonta ao passado, estes sentimentos e experiências perdem o seu carácter patogénico». (2)

Freud trabalhou com Breuer e teve o grande mérito de arranjar métodos que permitissem aplicar as intuições do mestre. A sua grande descoberta é o método da associação livre das ideias, por meio do qual se procura situar o paciente num ambiente de sonho em que as imagens e ideas escondidas aparecem à consciência porque se rompem os laços que as prendiam na profundidade do psiquismo.

---

(1) Em particular a sociedade burguêsa austríaca com uma moral católica mal compreendida e mal vivida. Desta sociedade saem todos, ou quase todos, os casos citados por Freud. Os seus discípulos transferidos para a América do Norte têm de procurar novas forças psíquicas que expliquem os novos fenómenos que observam. O mesmo Freud teve de sugerir o *tanatos* para explicar os traumatismos que observou na guerra de 1914-18, fenómenos que ele mesmo não pôde justificar pela *líbido*.

(2) Nouvelle Revue Théologique — Fev.º 1950, pág. 184.

Na acção terapêutica da psicanálise há a distinguir cinco momentos sucessivos, se não no tempo, pelo menos lògicamente: (1)

1.º — Exploração e compreensão do inconsciente do sujeito.

2.º — Comunicação ao sujeito dos resultados obtidos no primeiro momento e da interpretação que lhes deu o psicanalista.

3.º — Este conhecimento reflecte-se na afectividade do paciente que a descarrega no analista. Este fenómeno é chamado *transferência* que pode ser positiva ou negativa conforme se manifesta por ternura e admiração pelo analista ou ao contrário, por recriminações e ódio.

4.º — Assimilação pelo «ego» do paciente dos elementos recuperados nos dois primeiros tempos.

5.º — Reeducação de condutas, destinada a substituir os antigos automatismos e instalar uma nova reforma de adaptação ao real. Este último momento não existe na psicanálise de Freud.

Sob o ponto de vista moral só interessam imediatamente o primeiro e terceiro tempo. Este, pelo que exige de sanidade moral, de pureza interior ao psicanalista, dado que as manifestações de amizade são por vezes de carácter erótico.

O primeiro tempo é sem dúvida o mais importante sob o ponto de vista ético. Quer pelos processos que emprega como pelos resultados que obtém. Só este momento consideraremos quando falarmos das relações entre a psicanálise e moral.

Como se fará a exploração do sub e inconsciente?

Fazendo-se cessar, momentâneamente embora, o controle exercido pela consciência sobre as faculdades inferiores. É necessário fazer emergir no campo da consciência o psiquismo inferior.

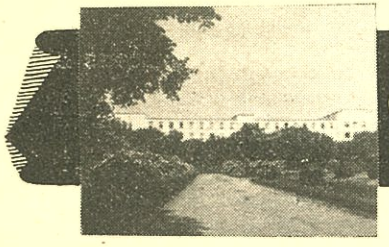
Para o conseguir, Breuer recorreu à hipnose que aliás foi posta de lado imediatamente por Freud. Depois empregaram-se vários outros processos entre os quais importam sobretudo o citado método de associação livre de ideias, e ainda a interpretação dos sonhos, métodos activos, método de desenho e pintura espontânea (muito empregado em crianças).

(Cont.)

MIGUEL P. DE CARVALHO

---

(1) E. MARMY — «Documentation Catequistique», Jan. 1954.



CRÓNICA

7 de Março

A sessão Teológica do dia de S. Tomás de Aquino foi dada, este ano, a maior solenidade pelas razões coincidentes de, na Santa Igreja, estarem decorrendo o 16.º centenário do nascimento de Santo Agostinho e o 1.º de definição dogmática da Conceição Imaculada de Nossa Senhora.

Presidiu Sua Eminência, apresentando os oradores o Senhor Cónego António Gregório Neves. Teve ocasião de relevar a projecção e sentido da homenagem ali prestada à Teologia Católica.

António Leitão, segundanista do Curso Teológico, dissertou acerca de «O dogma Marial no Antigo Testamento». Foi um trabalho vasto e erudito, metòdicamente baseado na mais séria exegese bíblica.

Após ele, o ilustre Catedrático de Direito Civil na Universidade Central de Madrid, Doutor Ortega Pardó, deu-nos uma lição magnífica com a sua conferência sobre «A existência da recta moral natural». Já pelo momentoso interesse que tem o assunto, já pelo modo atraente e sistematizado como dele falou tão alto representante da Intelectualidade Espanhola, a conferência foi ouvida com agrado crescente. Fiel aos princípios da filosofia escolástica e à luz dos mais actuais métodos de elaboração do pensamento, o Doutor Ortega Pardó falou das relações entre o Direito Natural e o Positivo, de como este por uma duplo via de conclusão e determinação desenvolve as possibilidades históricas do Direito Natural, e de como é na autoridade suprema de Deus que se encontra o fundamento deste Direito.

O Coro Polifónico, apresentou números de Wagner, José Ludovice e Irvarrigaza.

No final, Sua Eminência cumprimentou o Doutor Ortega Pardó, mostrando-se muito agradado.

Pela Academia

É-nos impossível dar mais desenvolvido relato das várias reuniões que, dentro dos seus planos, a Academia de Santo António realizou nos meses últimos de Março e Abril. Não esquecendo algumas sessões ordinárias em que vários alunos trataram de temas literários, litúrgicos, patrísticos, etc., referimo-nos em especial às conferências seguintes:

— A 28 de Março o Rev.mo Dr. Narciso Rodrigues, Assistente Geral da J. O. C., falou-nos da classe operária. Foram, sobretudo, os problemas da moralidade negativa, constante fundamental do proletariado, os que o referido assistente versou. Falou do abandono a que é entregue o operário na sua adolescência. «O problema da classe é um problema do universo» — disse ele;

e a solução não é procurar abafar a luta que se desencadeia, mais e mais, dia para dia. O operário tem direito a reivindicações. A solução é dar-lhes chefes que os orientem na justiça e na caridade.

*
* *

A 4 de Abril tivemos o prazer de ouvir o Dr. José da Silva Dias que nos falou de Frederico Ozanam. Chamou-lhe o Dr. Silva Dias «o leigo católico de espírito mais lúcido do Século XIX». A conferência do ilustre vicentino, excelente crítica ao «burguesismo» católico da época de Ozanam, mostrou-nos em Ozanam o mais acabado modelo do homem cristão para os nossos dias.

*
* *

Já na terceira época, falou-nos o Dr. Adérito Nunes, Presidente Geral da J. U. C. «Um problema social português» foi o título da sua lição de elevada competência sobre os graves problemas da proletarização do operário português. Considerando o proletariado como um dos mais positivos índices da decadência de qualquer civilização, afirmou que, todavia, pela primeira vez se tornara possível isolar este vírus destruidor de civilizações. A solução, que exige aliás vastas reformas dos sistemas a que estamos habituados, é a consideração cada vez mais humana do operário, a aceitação daquele humanismo que o Cristianismo projecta no divino.

Homenageando Pio XII

Em homenagem a Pio XII, foi realizada a 12 de Março uma sessão solene. Abílio Tavares Cardoso e Acácio Ferreira Catarino, falaram de Pio XII evocando a sua extraordinária figura, a universalidade do seu espírito, a ommímoda excelência das suas virtudes.

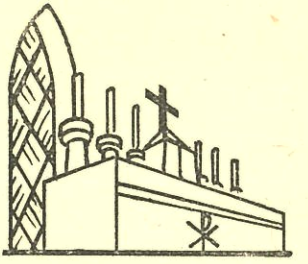
Depois de alguns números polifónicos, foi representada a obra Teatral «Barrabás ou o reverso da Paixão». A representação despertou largo interesse pelo arrojo dramático que o autor deu à figura estranha de Barrabás.

Olivais — Tojal

Quase ao findar o longo segundo período do ano lectivo, a 2 de Abril, realizámos um óptimo passeio até à Casa do Gaiato do Tojal. Foi um refazer das forças do espírito. A ida e a volta fez-se margeando o rio Sacavém, através das chãs alagadiças, até aos campos saloios das vizinhanças de Loures. No Tojal nos entretivemos pela tarde além. Atrás duma paliçada, que limitava um olival sombroso, o Clan X realizou uma pequena festa de campo constante das mais raras habilidades de magia cor-de-rosa, das anedotas mais em voga e dos jogos que mais experimentavam os enghenhos de cada qual.

Deste passeio ficou-nos a grata recordação de ouvirmos a palavra simples mas cheia de sobrenatural entusiasmo do Senhor P.e Adriano, um dos Padres da Rua que com o Pai Américo vão ateando fogos por esse Portugal além.

Subindo ao Altar



As Ordenações de 2 de Maio tornam este dia grande para a Igreja. Novos sacerdotes a continuarem a Mensagem de Cristo. O Seminário viveu a alegria de ver dois novos Padres formados dentro dele, um, até, aluno, ainda, do Curso Teológico. Meio escondidos, deste recanto ignorado da «Novellae», ousamos apresentar em nome desta as nossas felicitações e desejos de longo apostolado aos Reverendíssimos Padres Eng.º Carlos José Galamba Bragança Ferreira e Dr. António da Silva Martins.

Além da de presbíteros, houve ordenações de Diácono e dos vários graus de Ordens Menores. A eles alargamos as felicitações atrás feitas.

FERNANDO MELRO

Apresentamos...

CARTAS AOS NOIVOS

por Henry Godin

O matrimónio, para os cristãos, é mais do que um contrato natural. Cristo fez dele um Sacramento. À preparação requerida para fundamentar uma felicidade puramente natural, acresce, outra, o matrimónio é sacramento, exige uma preparação espiritual.

Foi para ajudar os rapazes e raparigas que se preparam para o casamento ou com ele sonham, que o P.e Godin escreveu estas «Cartas».

Aponta-lhes meios de orientação para o caminho às vezes tão difícil: a formação da vontade, o domínio do coração, o respeito mútuo, a frequência dos Sacramentos.

Em linguagem simples e expressiva, usando, às vezes termos verdadeiramente populares, o A. apresenta o ideal matrimonial como uma conquista e um plano da Providência que associa o homem à alma criadora de Deus.

Algumas poesias de Miguel Trigueiros e fotogravuras enriquecem esta edição.

A tradução felicíssima e a apresentação gráfica são outra nota que é agradável assinalar.

O tom familiar e a orientação segura fazem desta obra um auxiliar precioso para os nossos rapazes e raparigas sobretudo dos meios operários.

ALVES GUERRA

---

(1) Edições JOC — Lisboa, 1954.

(2) Col. EFESO, n.º 4, Casa do Castelo Editora, Coimbra, *1954*

GUSTAVE THIBON

O Pão de cada dia (1)

Lavrador na Provença, G. Thibon trouxe para o que escreve toda a sabedoria e simplicidade de quem vai beber nas fontes de água límpida e respira ares puros dos arvoredos, longe dos artifícios e requintes da sociedade Assim nos apresenta a sã filosofia, plena de bom senso e de verdade.

Não receia olhar de frente os males do nosso século. Não condescende. «Uma das taras da humanidade é, ao catalogar os seus grandes homens, exaltar o brilhante em detrimento do sólido, e o que embriaga em vez do que alimenta». (p. 72)

Ora não é fácil resistir ao respeito humano. É preciso ter coragem, no mundo de hoje, para se dizer a verdade toda.

Thibon não escreve com a mira em possíveis reacções do leitor. Autodidacta, meditou e reflectiu. Lançou ao papel. Espera agora que o leitor, a sós consigo, volte a repensar os valores e o mistério da existência.

Não se prega a si próprio. Aliás é bem explícito: «O meu testemunho, enquanto pessoal, conta pouco: só interessa o que tenha podido passar através de mim de luz universal. Pudesse eu não ter deixado a marca dos meus limites nas verdades que nasceram antes de mim e que não morrerão comigo. Não aspiro a iluminar os homens com a *minha* lanterna: a minha única ambição é ajudá-los a melhor contemplar o sol». (p. 11)

Insensìvelmente fazemos a aproximação dos artífices obscuros das catedrais da Idade Média que, da mesma forma, nem ao menos deixaram o nome a interpor-se entre as pedras trabalhadas e o amor a Deus que elas exprimem.

Esta humildade é rara em nossos dias. Mas é necessária com urgência para o homem voltar a possuir-se segundo a sua natureza. Por isso é que escreveu no Prólogo o Dr. Mário Pacheco: «É um livro feito para o nosso tempo, e diverso da mentalidade do nosso tempo». A nós pertence meditar e viver a mesma «experiência» do Autor.

A. JORGE

M. RAYMOND

O homem que se vingou de Deus

A biografia que as Ed. Paulistas apresentam destina-se ao grande público. E tudo faz prever um êxito de livraria: a capa tão sugestiva, o tom em que está escrita, as ideias arejadas, e sobretudo o tema: um americano como outro qualquer (e o A. não se cansa de insistir neste aspecto...), um John Green Hanning, espírito vingativo, de reacções bruscas, que aos 16 anos deita fogo à cabana de tabaco do pai e vai viver para o Farwest, — um *cowboy* autêntico. — Volta alguns anos depois, arrependido, e aos 39, quando já tinha prometido casamento a uma Mary qualquer do Kentuchy, entra na trapa de Getsémani.

Pois, vinte e três anos de vida contemplativa modificaram-no totalmente. O Senhor elevou-o a alto grau de Santidade.

A atracção de um livro destes vem de que nos mostra um santo que não o nasceu, mas veio a sê-lo, na penitência e na luta consigo próprio. Alguns episódios divertidos mostram até onde ia o seu espírito de vingança. Certo dia, só porque se sentiu ofendido com o trabalho pesado que lhe distribuíra quem dirigia o amanho das terras, fugiu esbaforido, pegou numa forquilha e foi para o portão esperar que os monges chegassem do trabalho...

É forçoso prevenir que se trata de uma obra destinada aos americanos. Nota-se com facilidade que quem escreveu é americano, muito embora trapista: o optimismo, a graça com que conta, e até maneiras de ver um tanto simplistas, aliás compreensíveis no ambiente norte-americano.

Não obstante, poderíamos exigir menos dissertações, maior rigor nos conceitos, mais justeza em explicações discutíveis. O que não obsta, evidentemente, a que o livro se leia de um fôlego, e sempre com proveito.

A. JORGE

MONS FULTON J. SHEEN,

Ãcores sobre o abismo

Mais um elo de ligação de Mons. Fulton Sheen a Portugal, esta série de palestras radiofónicas, agora traduzidas.

O Bispo da televisão anda desde há muito ligado ao nosso país. Ele é o laço que pretende unir a Rússia a Fátima. Ele tem o seu coração preso aos católicos russos — o povo mártir.

Mons. Fulton Sheen hoje já não é só da América, nem da Igreja Católica.

Não sei que será melhor; se a escolha dos temas, se a maneira como são tratados.

Duma actualidade e interesse incontestáveis, fazem-nos entrar e compreender os grandes problemas vitais do homem, após a Incarnação e a Redenção de Jesus Cristo. São actuais porque eternos; tão actuais como verdadeiros.

Despertam interesse porque só a solução deles pode satisfazer todas as exigências — as mais profundas — da razão e do coração humanos.

As radiomensagens de Mons. Fulton Sheeen dirigem-se sobretudo àqueles que andam longe da Luz — por ignorância ou ódio — para que possam ver os problemas à luz da Verdade — e

---

(3) Ed. Paulistas, Lisboa, 1954
(1) Ed. Paulistas, Lisboa, 1954.

aos que sentem a insatisfação da vida por andarem longe e fora d'Ela, para a poderem alcançar e «possuir em maior abundância».

Uma das radiomensagens é dirigida ao povo russo.

A Pessoa e a mensagem de Jesus Cristo apresentadas pelas palavras de Mons. F. Sheen, aparecem-nos tão atraentes e sedutoras como verdadeiras.

O coração confrange-se-lhe de angústia ao ver tantos membros da Igreja — seus irmãos — que sofrem atrozmente por darem testemunho de Cristo.

Parece sentir ao vivo a obra redentora de Jesus Cristo, continuar-se pelos Seus membros. «Se o grão de trigo... não morrer, não dará fruto...»

Todavia Fulton Sheen não fica no cenário do primeiro plano: o sofrimento. Parece ter sempre por pano de fundo da sua visão o sangue de Estêvão a tornar-se luz no caminho de Damasco. Por detrás da cruz, Mons. Fulton Sheen deixa entrever o triunfo do sepulcro vazio. Sexta-feira Santa é o anúncio e a certeza do raiar do domingo da Ressurreição.

Numa síntese teológica e mística dificilmente superável dá-nos a visão total, ao mesmo tempo arrojada e equilibrada, do carácter providencial da perseguição e da riqueza que ela pode trazer aos perseguidos, à Igreja e até mesmo aos próprios perseguidores. «Sangue de mártires é semente de cristãos...»

Apesar da tradução nota-se a rara beleza literária: frase muito bem trabalhada, geralmente curta, simples, sincera e espontânea.

B.

VELAS DE CARDIGOS

J. D'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa-CARDIGOS

A casa que há 103 anos criou e mantém o prestígio das VELAS DE CARDIGOS

Premiada em 7 Exposições, 4 Estrangeiras e 3 Nacionais



SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALURGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA L.DA
Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 BEJA—Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

OCULISTA DAS PORTAS DE
S.to ANTÃO
OFICINA PRÓPRIA — MÁXIMOS DESCONTOS — ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRATUITA — APARELHOS CONTRA A SURDEZ (Demonstrações no domicílio sem compromisso de compra)
Consulte-nos para descontos especiais: em lentes de 1.ª qualidade, fabrico alemão, marca «Aktien-Gesellshaft), para óculos contra sol, com lentes de cor, graduadas.
BIFOCAIS
O OCULISTA DE SANTO ANTÃO recomenda, a todos que necessitem de lentes para ver longe e perto, o uso de bifocais, em que é especializado, lentes estas que alcançaram já no estrangeiro, um enorme êxito, e que são fonte de incalculáveis benefícios
Ao Rev.mo clero, sacerdotes, seminaristas e membros dos organismos católicos, concedemos além do desconto normal de 30 %, um desconto especial. O OCULISTA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO deve ser consultado em último lugar para confronto de preços e qualidade
Rua Eugénio dos Santos, 9-2.º (ao Rossio) — Telefone 2 3797

Oliveira & Vieira, L.DA
ESTOFADORES - DECORADORES
MÓVEIS ESTOFADOS EM TODOS OS ESTILOS E MODELOS
DECORAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS
Av. D. Carlos I, 140 Telef. 61864 — LISBOA

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

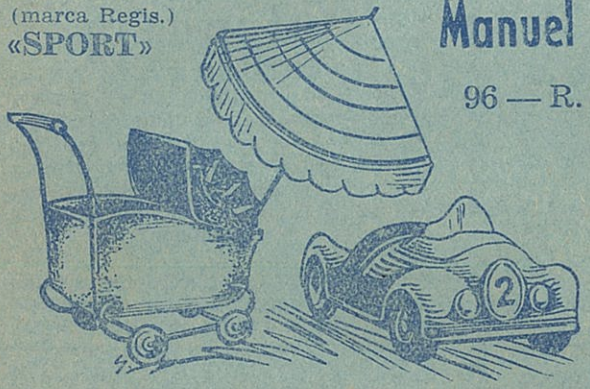
Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

(marca Regis.)
«SPORT»



Manuel José Soares

96 — R. Coelho Neto — 98

Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca «SPORT»

Especialidade em toldos, guarda-soes ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PÁRA-RÁIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
ASCENSORES
VENTILAÇÃO

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

—— TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO ——

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses

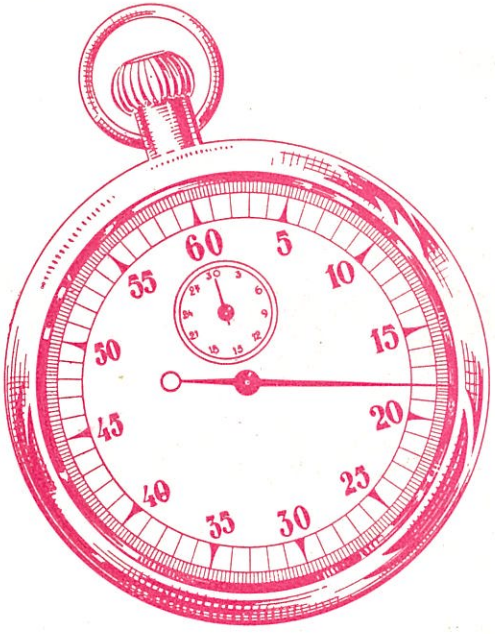


S A C O R

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL